

ENTREVISTA



Marcelo Neri, economista da Fundação Getulio Vargas, criou o termo "nova classe média" e estuda os movimentos de ascensão e queda econômica das famílias brasileiras há mais de 14 anos

## MARCELO NERI

# Uma classe ferida, mas não morta

### Economista explica como foi a ascensão do grupo D/E e como está essa parcela da sociedade

**A** nova classe média está ferida, mas não morta'. Com essa frase, o economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV) começou a entrevista ao EXTRA em que fez um diagnóstico do que aconteceu com a parcela da população brasileira que ascendeu da classe D/E para a C, entre os anos de 2003 e 2014. Ele

também explicou o que vem acontecendo com essa parcela da sociedade desde 2015, quando a crise econômica começou a derrubar uma a uma de suas principais conquistas, como um efeito-dominó. O pai da expressão "nova classe média" é realista: acredita que estamos tão próximos do fundo do poço a ponto de já conseguirmos avistá-

lo. Por outro lado, Neri destaca a resiliência, ou seja, a incrível capacidade desses brasileiros de lidar com as dificuldades e superá-las. Mas não arrisca dizer quando a atual crise ficará para trás.

**Muitas famílias perderam ou estão perdendo algumas das conquistas da nova classe mé-**

**dia, como educação privada, plano de saúde, casa própria etc. Esse quadro de perdas pode ser totalmente atribuído ao desemprego?**

O desemprego, talvez, esteja um pouco superdimensionado. Se eu avaliar as causas da queda de renda, até junho de 2016, que é, basicamente, a

queda (o ápice dela), 74% são efeito da inflação, e 26% são efeito do desemprego. Obviamente, o desemprego alto diminuiu o poder de barganha. Os trabalhadores passaram a ter perda real porque, com o desemprego alto, não conseguem negociar (reajustes salariais com os patrões). Agora, em agosto, está meio a meio: metade desemprego e metade inflação. A notícia “boa” é que está piorando menos. Então, eu acho que, talvez, já estamos começando a ver o fundo do poço.

### «Essa nova classe média foi muito mais sustentável do que as pessoas admitiam que seria»

Mas, pelo que você diz no seu livro (“A nova classe média – O lado brilhante da base da pirâmide”, Editora Saraiva), o principal símbolo da nova classe média foi a carteira de trabalho, certo?

Exatamente. Aí, a perda foi grande. Antes do surgimento da nova classe média, eram tiradas 700 mil a 800 mil carteiras de trabalho por ano. Isso passou para 1,5 milhão e até 2 milhões. Agora, está em menos 1,5 milhão.

**Uma questão central já levantada por você é até que ponto a nova classe média poderia impulsionar o crescimento econômico por meio de seu potencial de consumo. Como os últimos números têm sido negativos, em vários setores, a resposta para isso seria que ela foi incapaz de gerar renda de forma sustentável?**

Eu acho que não. Houve redução de cinco milhões de postos de trabalho em 2015. Realmente, é uma desgraça a céu aberto. Mas essa nova classe média foi muito mais sustentável do que as pessoas admitiam. Agora, chegou o momento de ajustes. Mas, de 2004 até 2014, foram anos crescendo. Agora, temos um ano e meio de queda. Pri-

meiro, há um componente estrutural. Se eu pegar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em que entra não somente a renda, mas a expectativa de vida e a educação... Quantos por cento dos municípios do Brasil tinham IDH muito baixo? Eram 41%, em 2000. Em 2010, eram 0,6%. Houve uma mudança estrutural gigantesca. Mas isso foi muito por conta da história das pessoas. Foram conquistas pessoais, não foi o Estado fazendo isso. As pessoas conseguiram porque suaram, tomaram decisões. Estabilizou-se a economia em 1994, deu-se um horizonte, e as pessoas começaram a se organizar.

**Muita gente atribui o surgimento dessa nova classe ao crédito, ao aumento de renda, e não à educação, como nos países em que isso aconteceu de forma sustentável...**

Eu discordo. O IDH, que também leva em conta a educação, mostra isso. O nível de educação no Brasil ainda é baixo, mas o índice melhorou. O principal motor do Brasil foi o mercado de trabalho. E, por trás do mercado de trabalho, o combustível foi a educação. Se eu fizer uma decomposição, o principal componente de expansão dessa nova classe média foi a educação. Ela era muito pior do que é. Ela ainda está em um nível insatisfatório, mas deu um salto.

### «Foram conquistas pessoais, não foi o Estado. As pessoas conseguiram porque suaram»

**Quando você fala em Educação, programas como Prouni, Pronatec e Fies tiveram um grande peso nessa melhora?**

É difícil avaliar isso. Identificamos um salto na escola técnica muito antes do (surgi-

mento do) Pronatec, que é um pouco dessa parceria público-privada. De 2003 a 2005, houve um salto nisso. Por quê? Porque o sujeito é demandado. Ele não tem qualificação, trabalha durante o dia e faz o curso à noite, com todas as deficiências de ensino, e isso é louvável.

**Em algum outro país houve esse impulso da nova classe média, como no Brasil?**

Houve uma nova classe média nos países do Brics (grupo de países emergentes que reúne Rússia, Índia, China e África do Sul, além do Brasil)? Houve, mas neles a desigualdade aumentou e muito. No Brasil, não: foi desigualdade diminuindo enquanto havia crescimento. O que está por trás disso? Trabalho, educação... São vários fatores. Educação profissional é um tema interessante porque é assim: quem é pobre tem pouco, quem é classe C tem mais e quem é classe A

tem muito. O que tem mais no meio do que nas pontas? Educação profissional.

### **«O motor do Brasil foi o mercado de trabalho. E, por trás dele, o combustível foi a educação»**

**Em relação a essas famílias que entraram para essa nova classe média e agora saíram, com uma retomada do emprego, elas podem voltar ao patamar anterior?**

Estamos num momento muito difícil de se fazer projeção. Eu fiz projeções no livro, para daqui a cinco anos, mas não faço mais. O que os dados mostram é que, talvez, o pior já tenha passado, a não ser que volte a piorar. O Brasil foi um laboratório a céu aberto, mas aprendemos pouco com isso. Não sabemos o que deu certo, o que é melhor. O estado brasileiro foi muito deficiente nesse processo.

**Você destacou, num artigo publicado recentemente, que, de 2006 a 2013, o Brasil ocupou a posição mais alta no ranking global de felicidade futura, mas declarou que essa alta expectativa carrega também uma capacidade de frustração das pessoas. A nova classe média brasileira, hoje, se sente frustrada em relação a tudo aquilo que conquistou nos últimos anos e agora perdeu?**

Acho que sim. No mundo afora, existe esse problema, mas no Brasil a questão é bem mais séria. Há uma crise de valores, de expectativas, uma frustração... Essa nova classe média teve dificuldade de ser enxergada, de ser entendida... As empresas até fizeram um esforço, tivemos as políticas públicas, como o Prouni, o Pronatec, o “Minha casa, minha vida”... Mas o que deu certo? Não sabemos. Porque o Estado brasileiro consegue passar ao largo das avaliações. O Estado consegue não ser avaliado no Brasil. ✕



**Marcelo Neri: "Essa nova classe média teve dificuldade de ser enxergada, de ser entendida"**

**ECONOMIA**

# **Crise faz a classe média dar marcha a ré em conquistas**

Ganhos como faculdade, carro, casa própria e plano de saúde recuam com perda do poder de compra nos últimos dois anos. Mas especialista afirma que o pior está passando. **PÁGINAS 20 E 21**



Que fim levou



# Sonho interrompido da nova classe média

Depois da ascensão social durante o governo Lula, parte da população agora enfrenta queda de renda



**Rafaella Barros**  
rafaella.barros@extra.inf.br

► O emprego como contramestre de solda num grande estaleiro deu lugar ao de auxiliar de lavanderia, sem carteira assinada. A renda familiar de mais de R\$ 4 mil desabou para pouco mais de um salário mínimo (R\$ 880). As consultas e os tratamentos médicos — antes feitos pelo plano de saúde — agora são precariamente supridos pelo SUS. Essas são algumas das perdas que Deyvid Silva, de 35 anos, sofreu desde que ficou desempregado, em novembro de 2015. Mas ele não está sozinho. Há 3,6 milhões de brasileiros que viram o sonho da ascensão econômica se transformar no pesadelo da queda na qualidade de vida conquistada com suor nos últimos anos. São essas histórias que o EXTRA começa a contar hoje, numa série de seis capítulos.

A nova classe média abrange as famílias que, entre 2003 e 2014, ascenderam à classe C e passaram a usufruir de bens e

serviços aos quais, até então, não tinham acesso, como emprego formal, faculdade, casa própria... A partir de 2015, porém, essas conquistas e o aumento real da renda familiar foram pulverizados pelo impacto da crise econômica.

Deyvid exemplifica bem o que é considerado pelo economista

**PERDAS**  
A classe AB também perdeu gente: 4,2 milhões caíram para a C, diz a FGV

**Marcelo Neri**, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o principal símbolo da nova

classe média: o emprego com carteira assinada.

— O estaleiro tinha contratos com empresas que prestavam serviços à Petrobras. Construíamos navios de apoio às plataformas. Mas a empresa não conseguia mais contratos. Então, fechou. Desde que saí, não consegui mais ter a carteira assinada. Peguei bicos fora da minha área para combor a renda.

FABIO GUMARÃES



Do período de ascensão de Deivid à classe C, restou a casa própria, quitada com a rescisão

## 'Não fazemos mais compra para o mês'

### DEPOIMENTO

#### DEYVID SILVA

Soldador desempregado e morador de Niterói

► A vida econômica mudou. Nós saímos menos. Não fazemos mais compras grandes, para o mês, no supermercado. Eu e minha mulher ainda estamos tentando ter filho. Com o plano, tínhamos a possibilidade de fazer o tratamento. Agora, até estamos conseguindo, mas pelo SUS.

## Maior impacto na renda

► A perda do emprego é, porém, apenas a ponta do iceberg. Adriano Pitoli, sócio da Consultoria Tendências, chama a atenção para o impacto no orçamento dessa parcela da população:

— A perda de renda média dos (trabalhadores) ocupados tem um efeito até maior do que a perda do emprego. Parte dessas pessoas foi para o mercado informal. Então, não necessariamente elas estão desempregadas.

Foi o que aconteceu com Raquel de Oliveira, de 30 anos, de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. Em março, a clínica de medicina ocupacional que ela gerenciava fechou. Os 19 funcionários foram para a rua.

— Recebíamos muitos trabalhadores da construção civil. A falta de emprego impactou a clínica, que fazia exames admissio-

nais, periódicos e demissionais. Atendíamos de 70 a 80 pessoas por dia e passamos a atender 30.

Desempregada, Raquel mudou de ramo, aproveitando um curso de maquiadora que tinha feito anos antes, no Senac. A renda, porém, está longe da que tinha no emprego, que também lhe dava garantias trabalhistas que, hoje, não existem mais.

**QUEDA**  
De 2014 a 2015, a renda mediana, que traduz a nova classe média, caiu 7,75%

Larissa Meiglin, supervisora de assessoria de carreira da Catho, avalia, no entanto, que atitudes como essa são válidas:

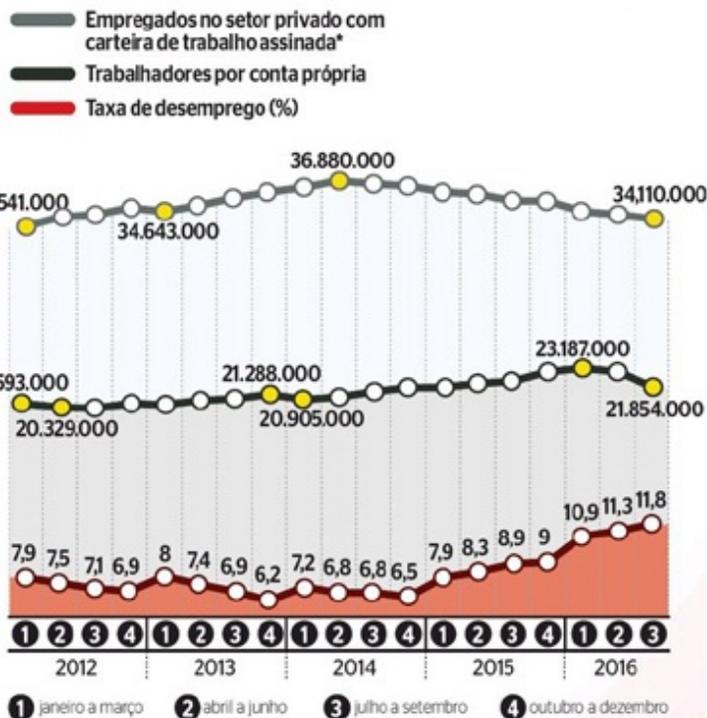
— Não se deve pensar: tenho 15 anos de trabalho e vou estragar minha carreira se pegar outra que não tem nada a ver com meu ramo de atuação. ▣



ARQUIVO PESSOAL

Raquel mudou de ramo e passou a ser maquiadora profissional

### COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO



Fonte: Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) - IBGE  
\*Pessoas com mais de 14 anos de idade, exceto empregados domésticos

### EVOLUÇÃO DA SOMA DE SALÁRIOS, APOSENTADORIAS E BENEFÍCIOS SOCIAIS

Posição na ocupação	2013	2014	2015	1º semestre de 2014 a 1º semestre de 2016
Empregadores	7,2%	3%	2,9%	-9,2%
Trabalhadores (setor público)	-0,3%	4,2%	0,7%	2,8%
Trabalhadores (setor privado)	5,4%	2,6%	-0,6%	-2,2%
Conta própria	5,9%	3,5%	0,7%	2,5%
Total	4,5%	3,2%	0,5%	0,7%

Fonte: Consultoria Tendências

### NÚMERO DE FAMÍLIAS QUE MIGRARAM DE CLASSE

